

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018



O OLHAR DA CRIANÇA PARA A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

SANTANA, E. R. D
Graduanda de Pedagogia – Unigran Net

VILELA, A. A
Doutorando em Educação – Unesp (Rio Claro)

RESUMO: A pesquisa em questão, intitulada “O Olhar da Criança para a Diversidade Étnico-Racial” tem como objetivo conhecer e compreender a leitura de mundo realizada pela criança diante da diversidade étnico-racial. No intuito de atingirmos o objetivo proposto, enveredamos sob a seguinte ótica: 1. conceituar a diversidade étnico-racial e suas aplicações no contexto social; 2. compreender o olhar da criança para e na diversidade étnico-racial; 3. descrever a leitura de mundo que a criança traz sobre a diversidade étnico-racial. Optamos pela metodologia bibliográfica, acrescida de questionário utilizado através da dinâmica da exposição de bonecas que representam a diversidade étnico-racial, para a colheita de dados relevantes a esta pesquisa. Soma-se a nossa investigação o aporte teórico de pesquisadores como: Almeida (2008), Bogdan & Biklen (1994), Carvalho (2010), Cunha (2006), Freire (1989), Gil (2007), Gusmão (2000), Machado (2001), Munanga (2005), Odilon (2013), Ribeiro & Batist (2015), Saraiva (1987), Silva JR et. al.(2012), entre outros. Esta pesquisa evidencia elementos importantes para se compreender o olhar de uma criança e a apreensão de significados experienciadas por este olhar, frente situações cotidianas tendo em pauta a diversidade étnico-racial.

PALAVRAS CHAVES: Criança. Diversidade. Relações Étnico-Racial. Prática Educativa.

INTRODUÇÃO

“Ensina a criança no Caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (PROVÉRBIOS 27, 6)

A pesquisa em questão, intitulada “O olhar da criança para a diversidade étnico-racial” tem como foco contribuir para o fomento de uma reflexão acerca da diversidade e, para tal, traçamos como objetivo geral “*conhecer a leitura de mundo realizada pela criança diante da diversidade étnico-racial*”. Dada à abrangência desta temática elencamos, para nortear a presente escrita, os seguintes objetivos específicos: 1. conceituar a diversidade étnico-racial e suas aplicações no contexto social; 2. compreender o olhar da criança para e na diversidade

étnico-racial; 3. descrever a leitura de mundo que a criança traz sobre a diversidade étnico-racial.

A importância desta pesquisa advém da necessidade de se compreender o olhar de uma criança e a apreensão de significados oportunizada por este olhar, perante as situações que lhes são apresentadas ou por elas experienciadas no cotidiano familiar, escolar e social tendo em pauta a diversidade étnico-racial. Acreditamos que “[...] a escola tem papel de destaque na preparação do aluno para a participação plena em uma sociedade complexa, que queremos regida pelos preceitos éticos legais de igualdade de direitos, oportunidades e deveres” (CARVALHO, 2010, p.11), contribuindo, assim, para a formação de sujeitos reflexivos, críticos e transformadores de seu contexto sociocultural.

Entendo a escola como um espaço de construção de identidades e sendo este um locus privilegiado para proporcionar mudanças, respeitadas as subjetividades nela existente. Esta pesquisa fora realizada em uma turma da educação infantil, faixa etária de 3 a 4 anos, de uma escola particular, situada na região norte da cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul.

Diante disso, optamos por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa a luz de Bogdan & Biklen (1994), que mencionam a necessidade de se verificar “[...] os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 17).

A luz de Gil (2007, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Soma-se a nossa investigação o aporte teórico de pesquisadores que versam sobre diversidades e ou questões étnico-raciais, como: Almeida (2008), Bogdan & Biklen (1994), Carvalho (2010), Cunha (2006), Freire (1989,) Gil (2007), Gomes (2001), Gusmão (2000), Machado (2001), Munanga (2005), Odilon (2013), Ribeiro & Batista (2015), Saraiva (1987), Silva JR et. al.(2012), entre outros. Para fins de coleta de dados relevantes ao desempenho deste artigo, elenco algumas questões pertinentes à relevância desta temática, organizada em forma de questionário, onde a pesquisadora faz anotações referentes às respostas, atitudes e comportamentos da criança, sujeitos desta pesquisa. O questionário resulta da dinâmica da exposição de bonecas que representam a diversidade étnico-racial encontrada em nosso contexto social. As crianças são identificadas com nomes fictícios de pedras preciosas: Ametista, Benitoíte, Esmeralda,

Diamante Azul, Onix, Topazio, Painita, Pérola, Rubi, Turmalina, Opala, Água Marinha, Jade, garantindo, assim, total anonimato de suas identidades.

O interesse em pesquisar esta temática surgiu a partir de uma leitura, por mim realizada, para minha querida filhinha – Manuela – uma criança com 4 anos completos, uma rara pedra preciosa, um “*Pink Star Diamond*”, do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, a saber:

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. (MACHADO, 2000, p.3). A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo da pantera negra quando pula na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar (MACHADO, 2000, p.4).

Após acompanhar atentamente a “terceira” leitura do mesmo livro, meu maravilhoso Diamante Rosa foi brincar no quintal. Ligou a torneira. Alagou um espaço de terra intacto, sem grama ou qualquer outra planta, produziu lama. Pintou-se, de lama no rosto, nos braços, por cima da roupa e nas pernas. Assustei-me quando a vi naquele estado. E quando a questioneei sobre o porquê daquilo tudo, ela me respondeu: “É que eu queria ser negra, como a Menina Bonita do Laço de Fita” (DIAMANTE ROSA, 2017). Desde, então, comecei a observar as crianças a minha volta e nasceu assim o desejo de saber como elas são preparadas para a vida, para as relações sociais, para agir e reagir diante das diferenças e toda diversidade que se encontra partindo do contexto familiar e, posteriormente, escolar e sociocultural. Hoje, minha filha é uma criança. Amanhã, será uma cidadã adulta e responsável por seus atos.

É imperioso entender que o processo de formação do cidadão inicia-se no seio de sua família e é contínuo, uma vez que, à medida que, a criança cresce, acrescenta em suas relações sociais a escola e a sociedade como um todo. Sob o mesmo ponto de vista, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, declara em seu Art.1º que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (LEI Nº 9.394/96).

Destarte, esta pesquisa está organizada da seguinte maneira: em um primeiro momento, darei início ao entrelaçamento de um aporte teórico sobre a temática “diversidade étnico-racial”. Num segundo momento, propomos uma reflexão sobre o olhar da criança para e na

diversidade étnico-racial, culminando, então, na descrição da leitura de mundo que a criança traz consigo sobre a diversidade étnico-racial, desde os primeiros anos de vida.

A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E SUAS APLICAÇÕES NO CONTEXTO SOCIAL

Na sociedade brasileira encontramos uma grande diversidade de usos e costumes, provenientes da presença de diferentes grupos étnico-raciais que corroboram, com suas especificidades culturais, para a formação de uma das sociedades mais ricas do mundo, em termos culturais, pois

os bens materiais e imateriais que formam o nosso patrimônio cultural são atravessados por modos específicos de criar e fazer, os quais incluem as descobertas e os processos de desenvolvimento científico e tecnológico; as artes; as construções que se transformaram em monumentos da tradição brasileira, as quais são representadas pelos bens imóveis e bens móveis como, por exemplo, as obras de arte e o artesanato. São extremamente importantes as expressões de um povo, as criações imateriais tais como a literatura, a música e as danças. Não esquecendo os modos de viver, a linguagem e os costumes; os locais dotados de expressivo valor para a história, bem como as áreas de proteção ambiental (ROCHA, 2013, p. 14).

Entretanto, sua história é permeada por desigualdades e discriminações, dentre as quais, destaco aqui, mais especificamente, contra negros e indígenas. Haja vista, que as desigualdades e discriminações se estendem no contexto social, por diversos fatores: “a cor da pele, o tipo de cabelo, o formato dos lábios, entre outras características que remetem à herança africana” (MUNANGA, 2005, p.144).

De modo geral, as pesquisas realizadas na área das Ciências Sociais, especificamente as que abordam as teorias sociais e relações étnico-raciais, delineiam termos, teorias e conceitos de grande relevância para a produção de um estudo analítico, que fomente uma ação reflexiva de tais relações. Tais pesquisas contribuem para “resgatar a tradição africana com o compromisso de transformação” (SARAIVA, 1987, p.6).

Convém ressaltar que estas contribuições permitem ainda, ampliar a visibilidade aos problemas sociais decorrentes destas relações e enfatizar a necessidade de “reformular o conhecimento sobre a África” (SARAIVA, 1987, p.6), afim de que se construa uma educação multicultural, cunhada em um alicerce pedagógico antirracista.

Para tanto, é preciso entender e decodificar as manifestações provenientes destas teorias que envolvem atitudes complexas e tensas, correlatas ao contexto das relações étnico-raciais. As relações étnico-raciais são:

[...] relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras, nos quais a raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária. Trata-se, portanto, de relações construídas no processo histórico, social, político, econômico e cultural (SANT'ANNA, 2004, p.4).

Dessa forma, a luta por liberdade de um povo que foi escravizado, por força bruta e desumana, obteve várias conquistas, dentre elas, a Lei nº 10.639/03, que surge para fortalecer os direitos outrora negados ao povo afrodescendente e delinear um novo panorama no contexto das relações étnico-raciais, para o desenvolvimento de ações afirmativas no campo de políticas e práticas voltadas para a implementação da referida lei. A implementação da lei mencionada inclui no currículo oficial da Rede de Ensino Fundamental e Médio, tanto público quanto privado, a obrigatoriedade do “ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (LEI Nº 10.639, 2003, Art.26-A). Aliado a esta lei, temos o Parecer do Conselho Nacional de Educação, cuja resolução do Conselho Pleno (CNE/03/2004) aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas e, a Resolução CNE/CP 01/2004 oferece, para o cenário educacional, garantias aos direitos da população afrodescendente brasileira de acesso a educação, em todas as suas modalidades, assim como norteiam novas relações entre diferentes grupos étnico-raciais, propiciando, portanto, mudanças comportamentais na construção de uma nação realmente democrática, cujo objetivo é a

[...] divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (CNE/CP 01/2004, § 2º).

A Resolução CNE/CP 01/2004, Art. 2º, determina as obrigações aos entes federativos frente à implementação da lei e de acordo com o § 3º

Caberá aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios desenvolverem as Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas por esta Resolução, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos e seus respectivos sistemas (Resolução CNE/CP 01/2004, Art. 2, § 3º).

A partir de 2009, soma-se a estes dispositivos legais o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A esfera educacional conta com orientações que norteiam o processo de ensino e aprendizagem com vistas ao desenvolvimento de uma pedagogia multicultural.

Pesquisas desenvolvidas no campo da educação nos dão conta de que atitudes racistas, discriminatórias e de preconceito, vividas e ou presenciadas por muitos, sejam crianças, jovens ou adultos, tem causado danos a população negra e ou as vítimas destes, por vezes, irreparáveis. Para estas vítimas

o contato cotidiano com a rejeição à sua aparência e a desvalorização de suas heranças culturais causam impacto no seu pleno desenvolvimento, e muitas vezes as tornam presas a um “pessimismo racial”, já que requer grande equilíbrio emocional conviver com tal situação e ainda ter disposição e energia para aprender (SILVA JR et. al., 2012, p.14).

É sabido que a educação começa na família, adentra a vida escolar e demais seguimentos da sociedade, perfazendo a diversidade nas relações étnico-raciais. Neste contexto, um dos problemas que afetam a sociedade de um modo geral está centrado no preconceito racial e, por conseguinte, na discriminação, no racismo e suas múltiplas facetas. Evidenciando, dessa forma, a necessidade da disseminação de conhecimentos mais abrangentes a cerca da palavra ‘raça’ e da “construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado” (BRASIL, 2004, p.13).

É fundamental percebemos e entendermos que a diversidade cultural institui as diferenças: de classes sociais (delas emergem a ideia de superioridade e inferioridade); de religião, que deram origem a tantos conflitos que permeiam a história da humanidade, como por exemplo: as cruzadas cristãs; as guerras santas dos muçumanos, que perduram até os dias de hoje; das inquisições; dos conflitos entre muçumanos e católicos na Nigéria, e culminam em diversas formas de discriminação. Cabe-nos, lembrar que, a “cultura popular sobrevive aos tempos

porque ela é transmitida através das gerações. E sendo o racismo um fenômeno ideológico, ele se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos” (MUNANGA, 2005, p.48).

O racismo denota, na maioria das vezes, ações insipientes, praticadas por ignorância. Assim, pode-se dizer que, nas expressões de racismo está intrínseca a ignorância. Urge, então, a necessidade de que as políticas públicas e instituições educacionais unam esforços, embasadas pelos aparelhos legais constituídos, e promovam ações no sentido de desconstruir conceitos pré-concebidos, pois é sabido que a “história da população negra quando é contada no livro didático é apresentada apenas do ponto de vista do “Outro” e seguindo uma ótica humilhante e pouco humana” (MUNANGA, 2005, p.16).

As abordagens desta temática, nas práticas atuais, deixam a desejar, quanto ao resgate das memórias coletivas dos grupos étnicos, das diversidades culturais e suas contribuições econômicas e tecnológicas. Para Munanga (2005),

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p.16).

Essas contribuições foram e ainda são grandes instrumentos colaborativos e eficazes na busca por uma qualidade de vida, anelada pela população mundial. Portanto, torna-se imperioso ressaltar que somente através de uma educação comprometida com políticas e estratégias pedagógicas de ações afirmativas, articuladas e interdisciplinares, farão jus ao reconhecimento e valorização da diversidade étnica, de sua respectiva história, cultura e identidade, no que diz respeito à superação das desigualdades étnico-racial.

O OLHAR DA CRIANÇA PARA E NA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

Uma criança, ao nascer, dispensa a seus pais e ou responsáveis, um grande desafio: o de conhecer o mundo e tudo que nele há. Tudo está sem títulos, ou rótulos, não conhecem conceitos, estereótipos ou qualquer outra classificação de qualquer outra coisa.

A criança não sabe identificar cor, não diferencia se esta pessoa tem pele mais clara ou mais escura, se as roupas que está usando custaram muito ou pouco, se o brinquedo que tem nas mãos é de tecnologia de ponta ou mais simples. Tudo precisa ser dito a esta criança. Dessa forma fica evidente que não “faz parte da natureza do ser humano a perversidade do racismo. Não somos racistas, tornamo-nos racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas” (FREIRE, 2001, p.68).

Dessa forma, afirmo que são os pais e ou responsáveis por esta criança que tem o poder nas mãos de educá-la, através de atitudes exemplares, atreladas a explicações verbais, pautadas em civilidade e cordialidade que a ajudarão a querer ‘ser’, a querer ‘fazer’.

O desconhecido causa estranheza. É preciso conhecer antes de pronunciar-se com qualquer julgamento. Faz-se, essencial, que saibamos um pouco mais sobre tons de pele. Partimos, então, para o campo das ciências biológicas. Se minha pele é clara é fato, comprovado pelas ciências biológicas que no meu organismo tenho uma concentração menor de melanina, “pigmento pardo presente em certas células da pele, os melanócitos, do ser humano e outros mamíferos, que dá cor a pele, ao cabelo e aos olhos” (AMABIS et. AL., 2006, p. 609). Se, tenho a pele mais escura, esta concentração é maior.

Dessa forma, terei não só a pele mais escura como terei também, os olhos e os cabelos em tom mais escuros. Faz se imperioso saber que apesar de ter sido estabelecida no século XIX uma “concepção de ‘raça’ baseada na suposta existência de uma diversidade biológica inscrita no corpo, desde as primeiras tentativas taxonômicas se afirmava a unicidade da espécie humana, apesar de sua variabilidade aparente” (IBGE, 2013, p.16), existindo hoje, no campo científico, apenas um “amplo consenso de sua ineficácia teórica como conceito biológico, tendo sido definitivamente erradicado pela genética” (IBGE, 2013, p.17), consoante ao exposto, o termo raça não pode diferir seres humanos.

A vida segue. A criança cresce. Torna-se jovem. Os documentos legais se apresentam, como uma mãe zelosa. Dentre os documentos legais, apesar de pouco conhecido, temos O Estatuto da Juventude, que em sua Seção IV – Do Direito à Diversidade e à Igualdade - explicita no Art. 17 que o

[...] jovem tem direito à diversidade e à igualdade de direitos e de oportunidades e não será discriminado por motivo de: I – etnia, raça, cor da pele, cultura, origem, idade e sexo; II – orientação sexual, idioma ou religião; III – opinião, deficiência e condição social ou econômica (BRASIL, 2013, p.29).

Uma vez observado e praticado esses direitos, ter-se-á uma nação onde crianças crescerão e se desenvolverão plenamente, construindo uma “sociedade livre, justa e solidária” (BRASIL, Art. 3º, §1, p.13).

Ao ser humano não cabe controlar os ventos, mas sim reorientar as velas. No mundo globalizado é indispensável que se desenvolva um repertório maior de conhecimentos, habilidades e competências. A educação corrobora nesse sentido e é “indicada a todas as crianças, sem distinção de idade, cor, raça, religião ou classe social, e a jovens e adultos” (MACHADO, 2001, p.19).

Por acreditar no potencial que as crianças têm de apreensão de conhecimentos e, dos que ainda podem desenvolver durante sua trajetória de vida, a priori no seio familiar e posteriormente, social, para tornar-se um agente transformador, cidadão capaz de “promover o bem todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, Art. 3º, IV, p.13), esta pesquisa faz-se há, e será realizada através da dinâmica de exposição de bonecas que representam a diversidade étnico-racial, visto que através do brinquedo e da brincadeira, a criança “manifesta seu livre pensamento sem regras, são atos espontâneos, manifestações que surgem do seu interior e que ajuda no seu desenvolvimento e aprendizagem” (RIBEIRO & BATISTA, 2015, p.117).

Rememorando a metodologia da pesquisa realizada com as crianças, as quais foram identificadas com nomes fictícios de pedras preciosas: Ametista, Benitoíte, Esmeralda, Diamante Azul, Onix, Topazio, Painita, Pérola, Rubi, Turmalina, Opala, Água Marinha, Jade, na qual traçamos os olhares das mesmas sobre as questões étnico-raciais conforme quadro ilustrativo abaixo:

Questões	Ametista	Benitoíte	Esmeralda	Diamante Azul	Jade
1-) Qual destas bonecas você gostaria de ter?	Branca.	Negra.	Negra.	A branca e a negra.	Negra.
2-) Qual é a boneca que se parece com você?	Branca.	Branca.	Branca.	Negra.	Negra.
3-) Qual é a boneca que você escolheria para ser sua/seu melhor amigo/a?	Branca.	Negra.	Negra.	Negra.	Branca.
4-) Qual destas bonecas levaria para casa?	Branca.	Negra.	A branca e a negra.	A branca e a negra.	Negra.
5-) Qual boneca você não gostou? O que você mudaria nesta	Negra. Colocaria	Negra. Deixava ela	Negra. O vestido.	Negra. Não sei.	Negra. Mudaria

boneca?	Brincos.	ter cabelos.			o vestido.
---------	----------	--------------	--	--	------------

Questões	Onix	Topazio	Painita	Perola	Rubi
1-)Qual destas bonecas você gostaria de ter?	Negra.	Negra.	Negra.	Negra.	Branca.
2-) Qual é a boneca que se parece com você?	Negra.	Branca.	Branca.	Branca.	Branca.
3-)Qual é a boneca que você escolheria para ser sua/seu melhor amiga/o?	O menino– Davi – para amigo e a menina – Joana – para amiga.	Negra.	Negra. Ela é muito bonita.	Branca.	Branca.
4-) Qual destas bonecas você levaria para casa?	A Brancae a Negra.	Negra.	Negra.	A Brancae a Negra.	Branca.
5-) Qual você não gostou? O que você mudaria nesta boneca?	A Brancae a Negra. Daria mamá pra elas. Elas estão com fome.	Negra.	Negra.	Negra. Mudaria a roupa.	Negra. Mudaria a roupa.

Questões	Turmalina	Opala	Água Marinha
1-)Qual destas bonecas você gostaria de ter?	Branca.	Negra.	Branca.
2-) Qual é a boneca que se parece com você?	Branca.	Negra.	Branca.
3-)Qual é a boneca que você escolheria para ser sua/seu melhor amiga/o?	Negra.	Negra.	Branca.
4-) Qual destas bonecas você levaria para casa?	Negra.	Negra.	Branca.
5-) Qual você não gostou? O que você mudaria nesta boneca?	Negra. Mudaria a cor da roupa para roxo.	Negra. Mudaria a cor da boca.	Negra. Mudaria a cor da roupa para ser da cor da minha.

Para a realização da dinâmica da pesquisa, foram utilizadas as seguintes bonecas: Dra. Isabela, Alice, Moana, Joana, Sophia e Sarah e o boneco Davi, conforme ilustra a figura 1, logo abaixo:



Nomear as bonecas facilitou a comunicação no desenvolvimento da pesquisa. As crianças foram convidadas por mim, a conhecerem os ‘amiguinhos’, que eu trouxera para visitá-las. Fui prontamente atendida. Senti-me surpresa e feliz. Era o meu primeiro contato com essas crianças e obtive surpreendentes relatos, diante dos quais, torna-se imperioso refletir sobre a maneira de interação com o ‘outro’ na escola. Essa interação perpassa o contexto escolar e atinge tanto o contexto familiar quanto as demais camadas sociais, haja vista que nas “formas de se relacionar com o outro, a escola, reflete as práticas sociais mais amplas” (CANDAU, 2003, p.24), e por mais que

[...] valores como a igualdade e solidariedade, respeito ao próximo e às diferenças estejam presentes no discurso da escola, outros mecanismos, talvez mais sutis, revelam que preconceitos e estereótipos também integram o cotidiano escolar. Os veículos da discriminação vão desde o currículo formal, que exclui múltiplas e variadas maneiras de expressão cultural, passando pela linguagem não verbal, até chegarem, frequentemente, ao nível dos comportamentos e das práticas explícitas (CANDAU, 2003, p.24).

Foi notório nas atitudes das crianças, sujeitos desta pesquisa, a avidez por conhecimentos. O ato de conhecer traz saciedade para a sua curiosidade. E, ao convidá-las para comigo conhecer os meus amigos, experimentei muitos sorrisos e atenção imediata. Tãmanha era a curiosidade que se estabeleceu com o cantinho das bonecas que preparei. Afirmo, portanto, que a curiosidade precisa ser aguçada, uma vez que, ser curioso, implica ler o mundo sob ótica própria da criança, e exercitar a curiosidade a “faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente ‘perseguidora’ do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo se ‘rigoriza’, tanto mais epistemológica ela vai se tornando” (Freire, 2001, p. 97).

Diante da espontaneidade nas respostas e expressões das crianças, constatei que para elas, a cor da pele não tinha absoluta importância, haja vista, que quando inquiridas a cerca da questão ‘Qual é a boneca que você escolheria para ser sua/seu melhor amiga/o?’, das 13 crianças que participaram desta pesquisa, 07 escolheram a boneca negra e dentre essas 07, uma delas, tocando o boneco e a boneca disse: “O menino – Davi – para amigo e a menina – Joana – para amiga” (ONIX, 2017).

Configura-se, com os resultados obtidos, um cenário de conformidade com o olhar ingênuo da criança, cuja autoestima, a personalidade, a solidariedade, o respeito, a civilidade, a cordialidade e afetividade, vão se constituindo paulatinamente.



A LEITURA DE MUNDO QUE A CRIANÇA TRAZ SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

O ser humano, desde a mais tenra idade, busca desenvolver autonomia para a busca de seus direitos, anseia por uma real educação de qualidade em todos os níveis de ensino, além de acesso a cultura e ao lazer.

O artigo 227 da Constituição Federal de 1988, afirma:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p.129)

De igual modo, o Estatuto da Criança e do Adolescente, nos orienta, em seu artigo 29, que a educação da criança deverá ser promovida no sentido de:

[...] imbuir na criança o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas; imbuir na criança o respeito aos seus pais, à sua própria identidade cultural, ao seu idioma e seus valores, aos valores nacionais do país em que reside, aos do eventual país de origem, e aos das civilizações diferentes da sua (BRASIL, 2017, p.210).

Enfatiza ainda, neste mesmo artigo, que cabe a educação

[...] preparar a criança para assumir uma vida responsável numa sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade de sexos e amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e pessoas de origem indígena (BRASIL, 2017, p. 210).

É evidente a necessidade de inculcarmos na criança o processo de formação para a cidadania, através do aparato educacional, a importância da riqueza coletiva que advém das diferenças, do que é diverso. Neste processo de ensino e aprendizado deve ser oportunizado para as crianças situações que lhes permitam expressar-se de maneira espontânea diante das culturas ali representadas, tornando-as protagonistas sociais e “construtora de sua inserção na sociedade e na cultura, tendo seus desejos e opiniões valorizados, e não como receptora passiva” (RIBEIRO, 2014, p.89).

A criança é um sujeito portador de subjetividade única e cabe ao adulto a “sensibilidade de observar sua voz que, frequentemente silenciosa, ganha timbre nas metáforas, traduzindo seus sentimentos, emoções, carinho, desejos e frustrações vistas nos gestos, nas falas, nos olhares, no caminhar, no discutir, no brincar e no agir” (RIBEIRO, 2014, p.89). No tocante ao brincar é fato que, para a criança, um brinquedo carrega consigo uma gama de significados, o que agrega valor a brincadeira, pois ao brincar, a criança “manifesta seu livre pensamento sem regras, são atos espontâneos, manifestações que surgem do seu interior e que ajuda no seu desenvolvimento e aprendizagem” (RIBEIRO & BATISTA, 2015, p.117).

A alegoria proposta pela história infantil ‘Menina Bonita do Laço de Fita’ é um convite á mergulhar no mundo da criança que busca respostas para a indagação ‘Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?’. E as resposta vão sendo construídas quando percebemos que o ‘era uma vez’ não está longe da realidade, que por sua vez rememora que

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar. E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida. E pensava: - Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela... Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou: - Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina... O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez: - Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina. [...] Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina. [...] Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez: - Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha? A menina não sabia e... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse: - Artes de uma avó preta que ela tinha... Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar. Não

precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha (MACHADO, 2000, p.3-19).

A presente alegoria revela que “gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo” (FREIRE, 2015, p.52), ou seja, o que sou é aquilo que ensino e o que ensino torna-se espelho, espelhando as múltiplas faces numa tez que vai além de ensinar ao “nosso Povo um puro b-a-bá” (FREIRE, 1989, p.32) e, é preciso considerar que a “leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo” (FREIRE, 1989, p.7). É papel do professor ajudar a criança a enxergar o mundo. E, no mundo,

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não tem alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações...A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não tem mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom-senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 2015, p.37).

Em síntese, devemos atentar para o fato de que o ‘pensar certo’ frente às diferenças e o diferente, devem estar pautados nos princípios éticos de “valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades” (BRASIL, 2013, 87).



FIGURA 3



FIGURA 4

Somente dessa forma o olhar de uma criança para a diversidade, continuará a refletir uma imagem sadia e inspiradora, espelhando o que realmente anseia os pensamentos democráticos. Em outras palavras, corrobora esta pesquisa no sentido de enfatizar a necessidade que o contexto escolar tem de contar com profissionais, capacitados para lidar com as “tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais” (BRASIL, 2013, p.498).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange aos assuntos inerentes as relações étnico-raciais, sabe-se que no “combate ao racismo” (BRASIL, 2013, p.501), é de grande valia a elaboração de trabalhos pautados em equidade e retidão, concernentes a

[...] reeducação das relações étnico-raciais[...] As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e de divulgação de conhecimentos e de posturas que visam uma sociedade justa (BRASIL, 2013, p.501).

Sob esta ótica, a pesquisa fora desenvolvida em três importantes olhares, que conceitua a diversidade étnico-racial e suas aplicações no contexto social e os fatores que disseminam o racismo e a discriminação de várias formas, o conceito de relações étnico-raciais amparadas por aparelhos legais que, normatizam e norteiam tais relações.

Compreender o olhar da criança para e na diversidade étnico-racial, fora a segunda reflexão desta pesquisa, onde trouxemos as Leis que versam sobre as relações étnico-raciais, além de contextualizar a alegoria do livro “Menina bonita do laço de fita”.

Descrevemos a leitura de mundo que a criança traz sobre a diversidade étnico-racial, baseada em pesquisa realizada em uma instituição de ensino, contando com a participação de crianças na faixa etária de quatro anos. Desenvolvemos a pesquisa através da dinâmica de bonecas que representaram a diversidade étnico-racial encontrada no contexto social. Os resultados obtidos comprovaram que o racismo e a discriminação não são inerentes ao seres humanos, fato que possibilita a promoção de ações afirmativas, no sentido de construir uma educação multicultural e antirracista, sendo, portanto,

[...] imprescindíveis para que se vençam discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam concepções e ações, uns dos outros, se elabore projeto de combate ao racismo e a discriminações. Temos, pois pedagogias de combate ao racismo e a discriminações por criar (BRASIL, 2013, 501).

Hoje, para que tenhamos uma conscientização de maneira universal, é necessário que os seguimentos: família, instituição escolar e sociedade, façam assíduas e contínuas intervenções para coibir e ou prevenir atitudes racistas e de pré-conceitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. 2º ed., São Paulo: Editora SBB, 2008.
- AMABIS, et. al., **Fundamentos da Biologia Moderna**. 4º ed., São Paulo: Moderna, 2006.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Ed., 1994.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: 1988**. Brasília, 2004.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. **Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas**. Brasília, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, Brasília: SECAD; SEPPPIR, junho, 2009.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n. 9394/96**. Brasília, 1996.

CANDAUI, Vera M. **Somos Todos iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

CARVALHO, João Bosco Pitombeira Fernandes de Carvalho. **Matemática Ensino Fundamental – Coleção Explorando o Ensino**; v. 17. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e Prática**. 18º ed., São Paulo: Editora Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23º ed., São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **A Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Renovar, 2001.

GUSMÃO, Neusa M. M. **Desafios da Diversidade na Escola**. *Revista Mediações*, Londrina, v.5, n.2, p.9-28, jul/dez, 2000. EM 92TRABALHANDO A DIVERSIDADE A EDUCACAO INFANTIL 14602

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características Étnico-Raciais da População: Classificações e Identidades**. Rio de Janeiro: IBGE; 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Editora: Ática, 2000.

MACHADO, Ligia F. Jacomini. **Alfabetização Socioconstrutivista**. Brasil: 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. Brasília: 2005.

PARECER CNE/CP 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Conselho Nacional de Educação/CP, aprovado em 10/03/2004.

- RIBEIRO, Lindalva Souza. **A Prática docente sob o olhar da criança: o que vive e o que expressam.** Campo Grande. UEMS, 2014.
- RIBEIRO, R. de P.; BATISTA, C. V. M. **A importância da brincadeira e o brincar para criança no contexto escolar e outros espaços.** UEL, 2015.
- ROCHA, Maria Corina et. al., **Síntese da coleção História Geral da África : Pré-história ao século XVI.** Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. **Formação da África Contemporânea.**, São Paulo: Atual, 1987.
- SANT'ANNA, W. **A cor da Cultura.** Rio de Janeiro, 2004.
- SILVA JR, Hédio; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de. **Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial.**São Paulo : Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT :Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.